

Pensando mundos e matérias: Patrimônios e Memórias do Cotidiano Indígena em Latinoamérica

Henry Vallejo Infante ¹

Bárbara Caramuru Teles²

Apresentação

Pensar os processos decoloniais de patrimonialização, material e imaterial fazem parte de um desafio lançado a atualidade, dentro das humanidades, Arqueologia, Antropologia, História, Direito, Museologia, e demais ciências. Ao longo dos séculos, as instituições museais atuaram como instituições coloniais, desconsiderando a autonomia e autorrepresentação dos povos originários. Como afirma Françoise Vergès, é necessário decolonizar os museus. Tomamos aqui o decolonizar como verbo, imperativo. “A descolonização que se propõe a transformar a ordem do mundo é, como se vê, um programa de desordem absoluta”, como sugeriu Frantz Fanon (FANON, 1961 *apud* VERGÈS, 2023, p.17).

Partindo de uma perspectiva decolonial, que visa não apenas a mera exposição de muitas vozes, mas uma escrita ativa e processos de construção a contrapelo da escrita hegemônica, neste dossiê reunimos diversos trabalhos das áreas das Humanidades, Pedagogia, Antropologia, História, Filosofia, Direito e outras áreas afins que dialogam com a perspectiva acima mencionada. Visamos aqui, produzir análises a partir das dinâmicas decoloniais, relações simétricas, colaborativas, proposições

¹ Professor Visitante (CAPES) do PPGAA-UFPR, Doutor em Cultura e Arte para a América Latina e Caribe pela Universidad Pedagógica Experimental Libertador – Instituto Pedagógico de Caracas. Pós-Doutorados pelas UPEL-IPC e HGGS-Heidelberg University, Pós-Graduação em Telemática e Ciência da Computação em Educação a Distância pela Universidad Nacional Abierta, Especialista em Educação Indígena pela Universidad Nacional Experimental del Magisterio Samuel Robinson, e Licenciado em Educação pela Universidad Central de Venezuela. vallejo.henry@gmail.com

² Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná, UFPR. Foi professora no Departamento de Antropologia e Arqueologia da mesma instituição no ano de 2024. Atualmente atua como Antropóloga no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR. telesbarbara1990@gmail.com

afirmativas com novos horizontes e estratégias que resultem em práticas e políticas culturais mais eficientes, que consigam atender e dignificar os saberes ancestrais, o respeito pelas territorialidades indígenas e espiritualidades originárias.

Trata-se de um dossiê sobre patrimônios e memórias socioculturais que compõem o cotidiano indígena na América Latina. Aqui, nos dedicamos aos estudos e discussões interdisciplinares e multi-metodológicos relativos às dinâmicas e processos ligados às diversas e complexas perspectivas sobre o patrimônio, bem como dos aspectos materiais e imateriais relacionados às memórias que identificam as subjetividades e intersubjetividades dos povos indígenas na América Latina.

Conceber um dossiê nesta perspectiva, de forma interdisciplinar, foi parte ativa de um projeto decolonial, experimentado na forma de disciplina realizada no Programa de Pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da UFPR desenvolvido pelos organizadores Henry Vallejo e Bárbara Caramuru, ambos professores na ocasião. Ao longo de pouco mais de um semestre (interrompido por lutas através de greve unificada das categorias docente, discente e técnicos), realizamos, pela primeira vez no PPGAA uma disciplina destinada a desenvolver nos alunos um pensamento crítico e libertador que lhes permitisse abordar os múltiplos saberes contidos em diferentes culturas ancestrais, com seus diversos processos de reinterpretação dos imaginários. Aprofundando-se a partir de uma perspectiva decolonizada com o apoio onto-epistêmico de diferentes autores historicamente considerados subalternos e oprimidos, realizamos essa experiência acadêmica de modo a identificar a ocidentalização imposta a partir do sistema-mundo moderno (WALLERSTEIN, 1989) do eurocentrismo.

Assim, buscamos, através da disciplina e do debate ativo, realizar uma série de atividades que provocasse as alunes a analisar as desigualdades, ao mesmo tempo em que se aprofundassem em seu objeto de estudo, abordando as múltiplas visões de mundo e paradigmas que resistiram ao longo do tempo. Vivenciando, desta forma, uma imersão empática a partir de seu contexto pessoal, dando especial atenção aos múltiplos aspectos relacionados ao multiculturalismo e ao multilinguismo presentes nos diversos povos de *Abya Yala*.

Essa perspectiva partiu de noções ancoradas em Paulo Freire que entendem o papel da educação como prática transformadora. Diferentemente de uma “educação bancária” como instrumento de opressão que visa “encher” alunos vazios com palavras “ocas”, e uma “verbosidade alienada e alienante” (FREIRE, 2005, p. 66). Na contramão disso, buscamos valorizar uma prática libertadora, entendendo que a produção do conhecimento se realiza em colaboração, numa via de mão dupla, aprendizado mútuo entre educador e educando. Como afirmou Freire, “a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 2005, p. 81).

Nesta perspectiva, não apenas repensamos, a partir de um olhar decolonial como fazer mundos, mas também novas ontologias que nos permitam pensar outros mundos possíveis. Nos distanciando de perspectivas coloniais e opressoras, de educação e de fazer mundos.

Portanto, em partes foi em meio a essa relação colaborativa que surge esse dossiê. Entretanto, a proposta rompeu os muros da universidade, sendo ampliada para demais grupos autóctones e outras universidades brasileiras. Ao todo, neste dossiê reunimos diferentes artigos de várias regiões do Brasil. Nele perpassamos distintos temas. Os artigos transitam entre saberes indígenas, práticas de fazer mundo e outras ontologias de mundo, bem como discussões sobre patrimônio, a partir da decolonialidade. Os produtos intelectuais se dividem em dois eixos principais, o primeiro aborda questões de patrimônio e história e o segundo enfoca em identidade, reconhecimento e processos de pertencimentos.

Em “Memorias ancestrales de la comunidad Jivi Monteverde: sus ritos, mitos y leyendas” o principal interesse da autora é divulgar a cosmovisão indígena do povo Jivi da comunidade Monteverde, localizada no estado do Amazonas da República Bolivariana da Venezuela, registrando as oralidades das vivências cotidianas dos assentados, em relação aos seus crenças, ritos, mitos e lendas como parte fundamental de suas memórias ancestrais, em vigor até os dias atuais.

No artigo intitulado “Processos de concepção da exposição ‘Vivências indígenas na pandemia da COVID-19’”, o objetivo principal é apresentar o processo de criação, desenvolvimento e implementação da referida exposição, idealizada pelo Museu Diários do Isolamento (MuDI) da Universidade Federal de Pelotas. A exposição foi baseada no evento “Memórias e Vivências Indígenas na Pandemia”, fruto da parceria entre o MuDI, o projeto Cine Museu e o Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Disponível em formato virtual, a iniciativa busca discutir os impactos da pandemia sob a perspectiva indígena e ampliar o acesso às temáticas abordadas.

O artigo intitulado “Ooloda/Urutú, o patrimônio material, imaterial e cultural do povo indígena Medzeniako: Saberes, a arte ancestral e científica do povo” tem como objetivo contribuir para o fortalecimento e a preservação da memória cultural e ancestral do povo Medzeniako. O estudo destaca a relevância cultural e ancestral da cestaria Ooloda/Urutú para o povo Medzeniako, enfocando sua produção, significados e valorização como patrimônio material. A pesquisa, baseada em diálogos com artesãos, busca preservar saberes tradicionais e reforçar a memória coletiva, promovendo a continuidade cultural. A cestaria é apresentada como um elemento central da identidade Medzeniako, sendo fundamental para a valorização e fortalecimento de suas tradições.

Em “Toponímias indígenas na cidade de São Paulo: memória e esquecimento” analisa-se a perspectiva indígena sobre o patrimônio cultural por meio do livro *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*, de Daniel Munduruku. A obra investiga a contribuição histórica dos povos indígenas em São Paulo, destacando a simbologia das toponímias de origem indígena, muitas vezes desconhecidas pelos habitantes. A análise amplia o conceito de patrimônio cultural, considerando bens materiais e imateriais que refletem identidades indígenas, alinhando-se à ideia de pluralidade sociocultural e linguística. Além disso, aborda as memórias pessoais do autor como expressão de resistência e ancestralidade.

O segundo eixo temático desdobra-se a pensar processos de autorreconhecimento e retomada da identidade, bem como movimentos de

re-existência em face ao colonialismo, branquitudes, eurocentrismo, racismos a partir de noções de memória, saberes e experiências.

No texto “Retomando identidades, refazendo memórias e futuros indígenas”, baseado no episódio “Corpo-território”, da série Mulheres, Cidades, Territórios (3ª temporada do podcast Ningún Lunes Sin Pensar), O ensaio reflete sobre as vivências indígenas urbanas no Brasil a partir da experiência da artista Katú Mirim, discutindo temas como o apagamento identitário promovido pelo Estado, o racismo estrutural e a construção do termo “pardo” como categoria epistemicida. A recuperação de memórias e identidades indígenas é analisada como resistência às políticas genocidas e assimilacionistas, revelando os desafios e as possibilidades de reconstrução cultural em contextos urbanos.

O artigo “Consagração da Oca Indígena e o alevante dos Tabajara Alongá” discute a etnicidade dos Tabajara Alongá, em Piri-piri-PI, com foco na memória e espiritualidade indígena como bases de construção identitária. A consagração da Oca Indígena é analisada como marco de emergência étnica e produção de distintividade cultural. As ações da comunidade, alicerçadas nas memórias dos anciãos, reforçam a identidade coletiva e a separação entre indígenas e não indígenas. A etnicidade é apresentada como fenômeno político, enraizado no passado e projetado para o futuro.

No artigo “O Fandango como prática à luz de uma perspectiva decolonial” buscou-se analisar a cultura caiçara, com ênfase no fandango como prática de (re)existência ao eurocentrismo e instrumento de pertencimento. Considera a trajetória de subalternização dos caiçaras, decorrente da imposição euro-capitalista, e destaca o resgate de sua identidade cultural a partir dos anos 1970, quando suas manifestações passaram a ser reconhecidas como patrimônio cultural. O fandango transcende a música e a dança, sendo um símbolo de preservação e resistência cultural em uma perspectiva decolonial.

Em “Histórias, memórias e lutas de Jovina Renh-ga, indígena Kaingang”, o artigo narra a trajetória de Jovina Renh-ga, indígena Kaingang da aldeia Kakané Porã, em Curitiba-PR, explorando suas memórias e lutas desde a infância. Utilizando a abordagem de história de vida, a pesquisa valoriza a oralidade conectada à

Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.32, Jan/Jun 2025 – ISSN- 2177-4129
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

ancestralidade e reflete sobre estruturas sociais sob uma ótica decolonial. A experiência de Jovina também é analisada à luz do feminismo comunitário, evidenciando a força da resistência indígena em um contexto de desigualdades estruturais.

Por fim, no artigo intitulado “Estudantes indígenas na universidade periférica: desafios na UNILA” examina-se os obstáculos enfrentados por estudantes indígenas na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), como a colonialidade do saber, discriminação e falta de reconhecimento no ambiente acadêmico. A pesquisa sugere a criação de mecanismos para assegurar a permanência desses estudantes, combater todas as formas de violência e discriminação e implementar uma agenda institucional voltada ao reconhecimento de suas contribuições, promovendo uma educação intercultural e inclusiva.

Antes de encerrar esta breve apresentação, gostaríamos de agradecer a todos os autores que participaram da chamada para este dossiê. Sabemos que suas contribuições formam um conjunto diversificado de perspectivas plurais, que fomentarão novos espaços de discussão em torno das heranças patrimoniais e das memórias de nossos povos indígenas.

Despedimo-nos desejando que as leituras dos diferentes artigos gerem reflexões mais inclusivas, respeitosas e solidárias com as culturas ancestrais e os povos indígenas. Ou como diz Antônio Bispo Santos (2023, p. 36): “Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende”.

Abraços e uma boa leitura!

Referências bibliográfica

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. São Paulo: Zahar, 2022.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

VERGÈS, Françoise. *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. São Paulo: Ubu, 2023.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System*. 3 v. New York: Academic Press Inc., 1974-1989.